



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Estrutura populacional de <i>Aegla grisella</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994 (Crustacea, Aeglidae) do Perai de Janeiro, Arvorezinha, RS, Brasil.
Autor	NORTON DAMETTO
Orientador	EDUARDO PÉRICO
Instituição	Centro Universitário Univates

Estrutura populacional de *Aegla grisella* Bond-Buckup & Buckup, 1994 (Crustacea, Aeglidae) do Perau de Janeiro, Arvorezinha, RS, Brasil. Norton Dametto & Eduardo Périco. Centro Universitário UNIVATES.

A família Aeglidae é neotropical e restringe-se à América do Sul. Possui um único gênero vivo, *Aegla* Leach, 1820, com aproximadamente 70 espécies conhecidas até o momento, e dois gêneros fósseis. *Aegla grisella* Bond-Buckup & Buckup, 1994 está incluída na categoria de vulnerável na lista das espécies da fauna ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul. Os eglídeos exercem uma importante função na teia trófica e são vulneráveis à degradação ambiental. Nos últimos anos, muitos trabalhos abordaram a estrutura e dinâmica populacional desses crustáceos nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, no entanto nenhum estudo foi realizado com *A. grisella* desde sua descrição. A área de estudo é considerada preservada, abrigando alguns registros endêmico para a localidade, apesar disto, recentemente sofreu com a ameaça da construção de uma Pequena Central Hidroelétrica (PCH). O objetivo deste trabalho é analisar a estrutura populacional de *A. grisella*, o período reprodutivo da espécie e a razão sexual. Foram realizadas coletas mensais (dez esforços amostrais por coleta), com auxílio de puçá, no período de agosto de 2014 a junho de 2015, no Perau de Janeiro, Arvorezinha, Bacia do Rio Forqueta, Vale do Taquarí, Rio Grande do Sul (28°51'9,85"S; 52°17'55,02"O). Foram realizadas medidas de comprimento do cefalotórax (CC) e largura do cefalotórax (LC); a sexagem foi feita a partir da observação da presença ou ausência dos pleópodos. Foram considerados juvenis, os indivíduos onde o sexo não pode ser definido. Todos os indivíduos coletados foram mantidos em balde com água do local até o término da obtenção dos dados, em seguida foram devolvidos para o ambiente. Machos e fêmeas foram agrupados em diferentes classes de tamanho de CC, o intervalo utilizado entre as classes foi de 2mm. As análises estatísticas foram realizadas no software BIOESTAT 5.3. No total, 1260 espécimes de *A. grisella* foram amostrados, sendo 353 machos, 403 fêmeas (48 ovígeras) e 504 juvenis. Existe correlação significativa entre o comprimento e a largura do cefalotórax ($r=0,9658$; $p<0,0001$), por essa razão os valores da largura foram descartados. O comprimento do cefalotórax variou de 5,08 - 36,14 ($\bar{x}=13,5 \pm 5,57$) em machos, 4,19 - 37,96 ($\bar{x}=15,4 \pm 5,07$) em fêmeas e 12,46 - 35,49 ($\bar{x}=20,3 \pm 5,32$) em fêmeas ovígeras. As fêmeas são significativamente maiores que os machos ($p<0,0001$). A distribuição de frequência em classes de tamanho apresentou-se unimodal, para ambos os sexos, mostrando a predominância de uma faixa etária para machos (12mm-14mm) e para fêmeas (14mm-16mm). Os meses de maior ocorrência de machos foram em setembro e outubro e em fevereiro e março; para as fêmeas foram em setembro e outubro e de janeiro a março, ou seja, são mais abundantes na primavera e no verão. A razão sexual de machos/fêmeas foi de 0,9:1 e não existe diferença significativa entre o número de machos e fêmeas nos meses coletados ($X^2 = 7,122$; $p = 0,6244$). Fêmeas ovígeras foram observadas entre os meses de agosto a novembro, ou seja, foram mais frequentes na primavera, variando de 1 - 23 fêmeas por mês, e de 30 - 580 ($\bar{x}=271,6 \pm 192,15$) ovos por fêmea. O período de maior abundância de juvenis foi no outono, entre os meses de março a maio, este período foi precedido por um período de maior abundância de fêmeas ovígeras. Considerando a abundância por intervalos de classe pelo comprimento do cefalotórax, existe uma tendência não significativa de uma maior abundância de machos em intervalos de classes iniciais, e de fêmeas em intervalos de classes adultos. A grande maioria dos resultados mostraram-se diferentes de alguns estudos com outras espécies de *Aegla* do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, o que pode indicar que as características da localidade estudada podem estar atuando na dinâmica populacional destes eglídeos.